

que tange à economia e às finanças nacionais, tanto do Brasil colônia como do independente.

Embora o enfoque do seu trabalho seja a política econômica e financeira desenvolvida por Rui durante os quatorze meses que foi ministro da Fazenda, o Autor nos apresenta uma análise histórica na qual estuda aspectos da nossa economia colonial, a questão do tráfico, o café, a nova estrutura demoeconômica, a reformulação institucional da independência, para, depois, falar' do ideário político do estadista baiano, na reforma bancária, na política monetária e fiscal etc. E conclui com um capítulo intitulado "crítica e defesa", para, finalmente, colocar em tela o julgamento da história, onde desfilam opiniões de João Mangabeira, Vieira Souto, Cincinato Braga, Ramiro Barcelos, J. Carlos Rodrigues, Oscar Borman, este quando escreveu o prefácio do vol. XVIII — *Relatório do Ministro da Fazenda, Obras Completas de Rui*.

Nestes dias em que acertadamente se valoriza muito o exame do documento, os textos reproduzidos na segunda parte do livro, com a análise da política financeira do Governo Provisório feita na primeira parte, são da maior utilidade para o estudo de uma época e julgamento de uma administração.

*BRASIL BANDECCHI*

\* \*  
\*

CUNHA (Euclides da). — *Os Sertões*. Edição didática preparada pelo Prof. Alfredo Bosi, cotejo e estabelecimento do texto pelo Prof. Hersílio Ângelo. São Paulo. Cultrix. Brasília. INL. 1973, 405 págs.

Otto Maria Carpeaux (1) evidenciou uma verdade até então ignorada ou despercebida pelos especialistas: se entre os escritores nacionais apenas Machado de Assis era mais estudado que Euclides da Cunha, quase tudo o que se referia a este era laudatório, sem exceção, elogioso. As condições trágicas de seu desaparecimento explicam, quem sabe, essa torrente de referências antes afetivas do que efetivas, de que apenas Sílvio Rabelo e outros poucos se livraram. Tanto isso é verdade, que, se hoje formos arrolar o fundamental nos estudos euclidianos, muito pouca coisa do material apontado por Carpeaux terá mantido inalterada importância.

A explicação dessa mudança de atitude parece-me encontrada no fato de nos vinte e poucos anos decorridos daquela afirmativa, especialistas bem representativos haverem tomado para si a pesquisa da obra euclidiana, fazendo com

---

(1). — Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira.

que a dramaticidade de sua vida e de sua morte cedessem passo, como prioridade de enfoque, ao *escritor* Euclides da Cunha.

A mais recente comprovação dessa tomada válida e oportuna de Euclides está na edição Cultrix/MEC (1973) de *Os Sertões*. Modestamente chamada “didática” apesar de seu aparato crítico, foi preparada por Alfredo Bosi, da Universidade de São Paulo, com cotejo e estabelecimento de texto por Hercílio Ângelo, da Universidade Católica de Campinas.

Não se trata, insista-se desde logo, de mais uma edição comum do grande livro.

O texto, integral, abre-se com a *Introdução*, de Alfredo Bosi, de que constam cinco partes: Euclides da Cunha: vida e obras; *Os Sertões*: análise e interpretação das idéias; *Os Sertões*: o trabalho da linguagem; a leitura de *Os Sertões*, hoje; bibliografia básica. As informações são concisas e precisas. Pela novidade de focalização, merece destaque *O Trabalho da Linguagem*

“vê-se quanto a mediação literária se compôs para figurar a ideologia do inapelável” (p. 16),

em que recantos ainda não bem explorados do estilo euclidiano são examinados com surpreendente simplicidade e clareza. Para Bosi, o estilo da obra organiza-se mediante poucos processos retóricos, em primeiro plano a *intensificação* e a *antinomia*.

“A rigor, a linguagem descritiva e narrativa de *Os Sertões* move-se no universo semântico do *inelutável*” (p. 18).

Na conclusão da nota introdutória, Alfredo Bosi enfrenta com total realismo uma situação contemporânea, incontornável:

“Propor o estudo de *Os Sertões* aos estudantes de hoje não é tarefa muito fácil; e menos rendoso ainda se tornará o projeto do educador se ele insistir em apontar ao jovem somente aqueles traços da obra pelos quais ela não vai além de documento de seu tempo: a linguagem rebarbativa, o ângulo faccioso da visão. Se, ao contrário, forem escolhidas para leitura e análise as páginas de vigorosa mimese da Natureza e da História, e se acentuarem os momentos de tensão ética que não faltam ao longo do livro, então ficará plenamente iluminada a sua classicidade profunda” (p. 21).

Hercílio Ângelo justifica a sua tarefa no estabelecimento o texto da edição, que

“visa a mostrar claramente o valor social e humanístico da obra, reproduzindo fielmente o último texto emendado pelo Autor” (p. 23).

Antes de apontar as características da edição, nos campos da Fonética, da Morfologia e da Sintaxe, externa o desejo, de antemão alcançado, de que seu trabalho

“poderá servir como fonte de pesquisa aos estudiosos, enquanto aguardamos a indispensável “edição crítica”, com a qual não se deve confundir uma “edição didática”, apesar de fazer da fidelidade e da probidade o seu ponto de partida” (p. 23).

Muito condizentes com todas as finalidades propostas, inserem-se nesta edição quatro questionários a respeito da “Nota Preliminar”, de *A Terra*, de *O Homem* e de *A Luta*, provando-se mais uma vez a incompatibilidade entre perguntas objetivas (daquelas que se resolvem através de uma opção em forma de cruz) e a Literatura. Alfredo Bosi apresenta ao jovem leitor de *Os Sertões* algumas questões fundamentais, sem cuja exata compreensão de nada terá valido a leitura. Não posso deixar sem exemplos:

1. — “Por que a campanha contra Canudos teria sido, “na significação integral da palavra, um crime?”” (p. 30).
2. — “Localize e reproduza, com suas palavras, o parágrafo em que se descreve a queda das primeiras águas após uma longa estiagem” (p. 66).
3. — “Que frase transcreve Euclides para denunciar a brutalidade da escravidão negra nos tempos coloniais?” (p. 159).
4. — “Procure, nos textos que se propõem explicar o comportamento do Conselheiro, todos os termos peculiares à Psiquiatria” (p. 160).
5. — “Que significa, no contexto do quinto capítulo da Expedição Moreira César, este dito popular do Norte proferido pelo coronel Tamarindo: “É tempo de murici/cada um cuide de si?”” (p. 393).

São ao todo sessenta e três problemas que levam o estudante à reflexão, o que Sousa da Silveira chamou de *leitura integral*.

Muito mais se poderia dizer da “edição didática” de *Os Sertões*. Talvez no fato de que Alfredo Bosi e Hersílio Ângelo souberam motivar os mais moços na leitura da obra maior de Euclides. E essa motivação, felizmente, não se fez à custa da mutilação textual. Não se facilitou o infacilitável. Proporcionaram-se aos leitores, especificamente os das Faculdades de Letras, aqueles elementos esclarecedores que exigem em contrapartida o que permanece imutável em qualquer empreendimento sério: o esforço permanente do estudante, sua gradativa adesão à mensagem do autor. Só assim (trate-se ou não de Euclides), somando-se esse esforço e essa adesão, é que se pode contribuir para o aprofundamento da análise, para o amadurecimento intelectual do universitário brasileiro.

MÁRCIO JOSÉ LAURIA

\* \*

\*